

HÁBITOS ECONÔMICOS

1) INTRODUÇÃO

Para melhor expôr o tema principal - HÁBITOS SOCIAIS E ECONÔMICOS - convém esboçar o processo de formação do conhecimento humano e apresentar o conceito de modelo que representa um estágio importante no referido processo.

Convém distinguir dois tipos ou classes de Modelos: semânticos e formais.

O modelo semântico procura descrever a realidade, abstraindo tudo quanto não é influente no domínio em estudo, adotando a complexidade que é próprio do real, de forma a tornar possível a sua descrição.

Inicialmente, o modelo semântico pouco mais é do que uma conjectura ou hipótese de trabalho.

A observação do real, às vezes por largos períodos de tempo e em várias regiões, ou a realização de experiências ad hoc, tornam possível a comprovação das hipóteses e pressupostos.

As conjecturas que tomam, muitas vezes, a forma de explicações dos acontecimentos, uma vez tornadas públicas, apesar de não terem ainda sido comprovadas, podem ser tão atraentes que são até implementadas.

Estes modelos semânticos, mal comprovados ou simples conjecturas, transmutam-se em autênticos descritores da verdade Real, isto é, de uma verdade experimentalmente conhecida.

Assentando em declarações fundamentais com um certo caris de verosimelhantes e produzindo resultados virtuais atraentes, é compreensível que os homens, na sua ansiedade de resolver os problemas que os afligem, adotem estes modelos e os creditem como verdadeiros.

O processo mental passa pelas seguintes fases:

- o aparecimento dum modelo, em geral, mera conjectura;
- algumas provas dispersas a consubstanciar os pressupostos do modelo;
- um conjunto de seguidores que, atraídos pelo modelo, transformam as conjecturas em "credos" dispensando as provas porque passaram a "pontos de fé".

Estas situações são frequentes nos domínios do conhecimento humano de difícil experimentação e sobretudo no que diz respeito ao Futuro.

Por trás de cada cenário futuro está uma falange de "fiéis".

Para todo o Modelo Social ou Macro-Económico há uma "Sociedade Religiosa" que o apoia com maior ou menor vigor e que procura implementá-lo.

Para o efeito, invocam-se as grandes figuras que deram origem ao modelo, os principais discípulos ou implementadores mas, quanto a provas, pouco há a exhibir.

Na verdade, comprovar modelos semânticos, fundamentar os axiomas são tarefas longas e difíceis e que incorrem no risco de vir a provar-se que o modelo é falso.

É nesta altura do processo do conhecimento, que os modelos formais entram em cena, para prestar "apoio" ao modelo semântico.

Os modelos formais são o produto do trabalho de homens treinados a pensar com rigor e por isso prestigiados, os quais distinguem claramente entre uma "inferência válida" e uma "conclusão verdadeira".

Se forem dados um conjunto de axiomas e uma regra de inferência, um formalista conclui validamente e garante a validade do resultado mas não conclui precepidamente que o resultado é verdadeiro. Só será verdadeiro se:

- Os axiomas descreverem a realidade correctamente;
- A regra de inferência corresponder a uma relação real.

Ora, estas "provas" não são com o matemático ou o lógico, mas sim com os "donos" do modelo semântico.

Mas estes "donos" não têm problemas de consciência, uma vez que converteram os axiomas do seu modelo em Credos e portanto, indiscutíveis, podem assim transformar todas as "inferências válidas" do modelo matemático associado ao seu modelo, em "conclusões verdadeiras".

Este pequeno passe de prestigitador vai permitir aos "fiéis" colherem largos dividendos, com efeito:

- Dispõem de "fórmulas matemáticas" mais ou menos obstrusas e completamente ininteligíveis para os "fiéis" não "iniciados". Note-se a correspondência com os "signos cabalísticos" de entenho.
- Podem programar as fórmulas e corrê-las em computadores, que ao termo dum laborioso e misterioso processo mental ejectam inferências eventualmente válidas que podem, imediata e despreocupadamente, serem convertidas em conclusões verdadeiras.
- É possível sobre o modelo matemático, desenvolver extensões, generalizações, demonstrar novas propriedades, etc., o que é muito útil para o estudo do modelo matemático, mas que não acrescenta coisa alguma em auxílio da comprovação dos axiomas ou das regras de inferência do modelo semântico.

Mas nem tudo é favorável, muitas vezes os "inimigos" ou os "infiéis" dum dado modelo semântico conseguem, aplicando as regras de inferência, que fazem parte intrínseca do modelo matemático associado, concluir "verdades" que não são favoráveis aos objectivos genéricos dos "fiéis" do modelo semântico.

Então só resta como saída, aos "fiéis", a "Guerra-Santa" -
- o conflito social -

É neste quadro e estado de espírito de "infiel" a todos os
modelos semânticos com base experimental efêmera, que de -
ve ser entendido o que adiante se apresenta.

2) HÁBITOS - SOCIAIS - ECONÓMICOS

O vocábulo "Hábito" tem aqui o sentido genérico comumente usado e procura-se ao longo da exposição evitar os qualificativos de bons e maus, pela efêmera validade destes atributos.

O processo de criar um hábito passa por uma "aprendizagem" ao termo da qual o exercício do acto ou função que se constitui em hábito, faz-se com um esforço mínimo e sobretudo sem surpresas e exaltações.

Recorda-se que a prática habitual de certas acções tem projecção no domínio jurídico, assim adquirem-se direitos em consequência da tolerância de "hábitos" exercidos por dilatado tempo.

A jurisprudência acomoda estas situações criando figuras, tais como: direitos consuetudinários, usucapião, a prescrição de penas e direitos, etc., etc..

Um hábito tem muito peso social.

Alguns exemplos ajudam a ilustrar o conceito de hábito:

⊗ Hábitos profissionais

O exercício de uma profissão conduz a uma certa eficácia e ou uma redução de esforço na realização das tarefas, uma vez contraída uma habituação.

É com novo esforço de aprendizagem que se adequa ou reprograma um dado indivíduo a uma nova tarefa.

Habituar um grande número de indivíduos a um certo conjunto de tarefas afins, associado esse conjunto a uma actividade económica, por exemplo, é criar nesses indivíduos hábitos profissionais que será necessário substituir por outros, caso a actividade económica referida deixe de ser viável.

Ora esta substituição de hábitos é penosa para os seus possuidores, e daí a possibilidade de reacções.

Assim, uma actividade industrial ou uma política económica tem uma componente nos hábitos profissionais muito importante, pois, ao fim e ao cabo, é levar uma região ou um país a criar nos seus habitantes um "hábito" profissional que mais tarde, noutras circunstâncias económicas, constitui um entrave à sua evolução.

Este ponto toma particular relevância no que se refere à estrutura do ensino.

Esta estrutura deverá estar preparada não só para "habituar" novas gerações a profissões e actividades diversas, como ainda a reprocessar os profissionais existentes "habitando-os" a novas ou renovadas profissões, mas, neste último caso, tendo em atenção que o método deverá incluir a operação importante de "desgravar" o hábito profissional anterior.

⊕ Hábitos de vida corrente

Por um processo histórico podem criar-se "hábitos" estranhos, por exemplo:

- . Os habitantes duma região podem ter adquirido o "hábito" de usufruirmos de energia eléctrica mais barata do que os habitantes das regiões vizinhas.

A verdade é que esses habitantes construíram o seu modo de viver em torno dessa energia mais barata, instalando aquecimento eléctrico, cozinhando a electricidade etc.

O "hábito" foi mantido ou até agravado com a passagem do tempo e agora encontram-se confrontados com uma situação dolorosa a que reagem "legitimamente" uma vez que o "hábito" se converteu num privilégio a que é difícil renunciar.

- . Rendas de habitação não actualizáveis

O "hábito" criado nas pessoas que vivem numa região ou país onde as rendas não são actualizáveis, pode conduzir a situações estranhas, e.g.:

- A actividade económica de oferecer, por meio de aluguer, habitação, torna-se inviável e extingue-se.
- A pessoa, na sua qualidade de inquilino, ficou, para toda a vida, vinculada a um ponto geográfico bem definido, um certo andar num certo prédio de uma certa rua duma não menos certa cidade.

Mas é razoável o comportamento desta pessoa, uma vez que tendo destinado no primeiro ano, como inquilino, 1/3 do seu vencimento para o pagamento da renda, hoje, 20 anos depois, uns 2% do vencimento chegam.

Quantas oportunidades de trabalhar noutras cidades e regiões foram perdidas, quão vetusta e perigosa está a sua habitação, mas que pode fazer essa pessoa ou famílias que se "habitou" a ver todos os preços subirem à sua volta e até o seu salário ou vencimento, mas não a renda !!

Ora um hábito prolongado é um direito adquirido !

. Transportes

É clássico o resultado de um política de transportes subsidiados, autorizando um aumento significativo da distância média entre a residência e o local de trabalho. Criado o hábito de se trabalhar longe da residência, enormes fluxos humanos têm lugar entre um conjunto de regiões afastadas, enchendo-se e esvaziando-se essas regiões alternadamente uma vez por dia !

Uma alteração nos preços dos combustíveis sobrevem, e há que recriar novos modos de viver, eventualmente dispersar os locais de trabalho, trabalhar na residência, etc., etc..

Entretanto, foi criada uma estrutura urbana inviável !

• Poupança

Nem sempre o homem tem o hábito de poupar, isto é, voluntariamente reduzir o seu consumo, para pôr de lado a parte restante dos seus rendimentos.

As sociedades modernas oferecem um leque de esquemas de poupança: seguros, depósitos bancários, de vários estilos, mercados de capitais (Acções, Obrigações, etc), bolsas imobiliárias, ouro e outros metais e pedras preciosas, etc., e para não deixar de mencionar, os próprios produtos de consumo, que se estocam em casa.

A decisão de poupar ou não, por parte dum indivíduo, resultará eventualmente de um raciocínio mais ou menos lógico, mas este terá por suporte um conjunto de pressupostos sobre o futuro e ainda do hábito adquirido ou não de poupar.

Assim, há o estilo "chapa ganha, chapa gasta", e no outro extremo, o indivíduo que reduz o consumo ao estric_to essencial e poupa todo o restante disponível.

Em geral, numa sociedade, existem exemplares de todos os tipos, por isso não é indiferente a forma de distribuição do rendimento.

Tendo em consideração esta inhomogeneidade de comportamentos individuais, em relação à poupança, e se, por exemplo, for requerido, ao nível nacional, uma maior poupança, não é correcto actuar como se todos os decisores individuais fossem estereotipados do modelo económico, que é seguido pelo decisor nacional.

É essencial verificar primeiro da conformidade dos indivíduos reais ao modelo referido, doutra forma incorre-se no risco das medidas tomadas serem ineficazes ou até contraproducentes.

Os exemplos apresentados, parecem chegar para mostrar a importância dos "hábitos" individuais ou de Grupos Humanos na Sociedade.

3) DIFICULDADES NA CORRECÇÃO DE HÁBITOS

(Efeitos acumulados e desvios seculares)

A principal característica dos hábitos reside na dificuldade de os alterar

Quanto mais antigo é o hábito, mais radicado ele está no respectivo portador, ou na sociedade.

Os antigos hábitos transformam-se em costumes - leis consuetudinárias - direitos e privilégios.

Quando, por "vontade do príncipe" se decide que as rendas, o pão, o transporte, a electricidade, são inactualizáveis, ou sujeitos a preços políticos, enceta-se nessa sociedade um longo e subtil processo de hábitos-direitos que ao termo de 15, 20 anos constituem enormes problemas sociais e económicos.

Por exemplo, seja criado o quadro seguinte:

- . Um mercado de capitais inactivo
 - . Actividades económicas (agricultura, construção civil, indústria), vivendo num contexto de preços artificialmente fixados
 - . Salários reduzidos à cobertura das necessidades básicas das famílias
 - . Em contrapartida, promessas de assistência no desemprego, na doença, ensino grátis, etc.
- Um indivíduo vivendo neste contexto não sente qualquer necessidade ou propensão para poupar, tudo quanto ganha consome, e não consumirá muito porque também não ganhará muito.

Alguns anos ou décadas desta "terapia", e foi criada uma sociedade sem hábitos de poupança individual.

Não se qualifica aqui essa sociedade de boa ou má, apenas se faz notar que muitos anos serão necessários para recriar os hábitos de poupança perdidos.

- Por processos semelhantes, é possível fazer nascer actividades económicas, cuja viabilidade assenta no subsídio, no crédito bonificado, na protecção alfandegária, etc..

Todo um conjunto de hábitos profissionais e sociais é criado, em consequência.

As medidas até parecem razoáveis, depois o afastamento da realidade vai progredindo até que chegará o dia em que se dá a ruptura.

Novos hábitos, mas quantos sacrifícios !

- Em geral, por trás dos hábitos, está uma teoria social ou macro-económica em que se acredita, e que "corajosamente" se aplica.

- . Inicialmente, tudo parece ir bem, é o período da correcção dos "maus" hábitos da teoria antecedente.
- . Depois começa a aplicação da nova teoria; mas porque os defeitos e desvios da verdade ainda são pequenos, não são evidentes ou salientes. Geralmente acontece que chorrilhos de acontecimentos parecem confirmar a verdade e a adequação da teoria.

- . A confiança cresce, a aceitação generaliza-se, os hábitos vinculam-se e aprofundam-se.
É o período áureo da teoria.
- . Progressivamente, os desvios acumulam-se, novos "maus" hábitos vão sendo criados, a distância entre a Teoria e o Real é cada vez mais evidente, e evidente a um maior número de cidadãos.
É o período da decrepitude da Teoria.
- . Outra teoria vem substituí-la, e o ciclo recomeça.

Resumindo:

- 1) A adoção dum modelo é construir uma Sociedade, que vai adquirindo um conjunto de hábitos-direitos.
- 2) Mas um modelo semântico é sempre uma aproximação da realidade; daí que um "afastamento" ou "desvio" vai sendo acumulado com o decorrer do tempo.
- 3) Se o modelo não fôr revisto atempadamente, a Sociedade prefigura a situação de um sistema instável, cuja evolução conduz a uma divergência progressiva que terminará na ruptura.
- 4) Os hábitos-direitos representam nestes modelos a função de Inércia, que se opõe a toda e qualquer alteração do status-quo.

5) Finalmente, chama-se a atenção que, com estas observações, não se quer apoucar o mérito dos modeladores e respectivos modelos, nem dos modelos formais associados, mas apenas advertir que qualquer modelo é uma "aproximação" e um processo de "aprendizagem contínua" é requerido para evitar que se "imprima" na Sociedade um conjunto de hábitos-direitos sem futuro.

Muito há a esperar de modelos novos, muito mais vastos e suportados por teorias formais inovadoras.

Estes novos modelos não desfiguram tanto a realidade, como os actuais.

Mas por mais alta que seja a qualidade do modelo, esta não deixará nunca de ser uma "aproximação" e por isso uma constante revisão é essencial, para evitar desvios que se acumulam (drift ou deriva).

Estas revisões não se destinam apenas a satisfazer preconceitos teóricos, mas são essenciais se se quiser evitar "deformar" uma sociedade, habituando-a a comportamentos que lhe serão prejudiciais no futuro.